

RESUMO EXPANDIDO

EDUCAÇÃO, MÍDIAS E TDICS NO ENSINO DE HISTÓRIA: PRÁTICAS INOVADORAS E FORMAÇÃO CRÍTICA NA CULTURA DIGITAL

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar¹

Andrea Lilian Marques da Costa²

Arienny Carina Ramos Souza³

Layne Souza de Araújo⁴

Ana Laura Andrade de Aviz⁵

Alana Chaves Tavares⁶

RESUMO

As TDICs transformaram os modos de produzir, acessar e interpretar o conhecimento histórico, redefinindo práticas pedagógicas e o ofício do professor historiador. Este trabalho analisa o Projeto de Ensino Educação, Mídias e Tecnologias Digitais: Práticas Inovadoras para o Ensino de História na Cultura Digital, compreendendo sua contribuição para a formação crítica docente. A metodologia baseou-se na análise das atividades formativas, produções acadêmicas e registros avaliativos. Os resultados evidenciam que as TDICs foram problematizadas como mediações que reconfiguram a docência, destacando desigualdades de acesso, uso do celular na escola e desafios éticos da inteligência artificial, mostrando que formar professores implica disputar sentidos sobre o lugar das tecnologias na vida social. Conclui-se que formar historiadores implica desenvolver criticidade diante das transformações sociotécnicas contemporâneas.

Palavras-chave: Ensino; Curricularização da extensão; Tecnologias digitais; Professor historiador.

INTRODUÇÃO

A intensificação da cultura digital tem reconfigurado práticas de comunicação, acesso à informação e produção de conhecimento, impactando diretamente a escola e o trabalho docente. No campo do ensino de História, esse cenário exige que professores em formação inicial desenvolvam letramento digital crítico, entendido não como domínio meramente instrumental de ferramentas, mas como competência para selecionar fontes, interpretar linguagens midiáticas, compreender dinâmicas de circulação de sentidos em redes e enfrentar desafios como desinformação e uso não reflexivo de tecnologias. Nessa perspectiva, o trabalho

¹ Doutor em Sociologia e Antropologia. Professor do curso de licenciatura em História do IFPA-Campus Belém e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM-UFPA). Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Educação e Ciberultura. E-mail: brenoalencar@ufpa.br

² Professora Titular do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IFPA – Campus Belém. Coordenadora do Curso de Especialização em Informática Aplicada à Educação do IFPA – Campus Belém. E-mail: andrea.marques@ifpa.edu.br

³ Mestranda em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: arienny.carina@gmail.com

⁴ Graduanda em Ciência dos Dados pela UFMS - Campus Naviraí. Email: laynesouza677@gmail.com

⁵ Técnica em Desenvolvimento de Sistemas pelo IFPA. E-mail: analauraadeaviz18@gmail.com

⁶ Discente do curso técnico em Desenvolvimento de Sistemas integrado ao ensino médio pelo IFPA - E-mail: chavesalana2509@gmail.com

dialoga com contribuições que interpretam a cultura digital como transformação estrutural da vida social e da aprendizagem (Lévy, 2010), vinculada à lógica da sociedade em rede (Castells, 1999) e aos pressupostos da mídia-educação, que defendem formação crítica para leitura, análise e produção de mensagens midiáticas (Belloni, 2005).

O presente trabalho apresenta a experiência do Projeto de Ensino “Educação, Mídias e Tecnologias Digitais: Práticas Inovadoras para o Ensino de História na Cultura Digital”, vinculado à disciplina homônima no Curso de Licenciatura em História do IFPA (Campus Belém), articulando atividades formativas com metodologias ativas, debates temáticos, estudos dirigidos e produção acadêmica orientada. O projeto, aprovado nos editais PROEN Nº 06/2025 e PROEN Nº 09/2025, priorizou a integração entre dimensões de ensino e extensão, mobilizando recursos digitais para organização pedagógica, comunicação acadêmica e socialização de resultados, culminando na II Jornada de Educação, Mídias e Tecnologias Digitais, espaço de formação e divulgação científica com apresentação pública de projetos elaborados pelos estudantes (ensino, pesquisa e extensão) mediada por quatro bolsistas, sendo duas do ensino médio e duas do ensino superior, e duas voluntárias, uma do ensino médio e uma do superior, e debatida com docentes convidadas.

Como objetivos, busca-se: (i) descrever e analisar como o projeto contribuiu para fortalecer o letramento digital de licenciandos(as) em História, com ênfase na apropriação crítica e criativa das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) aplicadas ao ensino; (ii) explicitar estratégias pedagógicas e organizacionais adotadas (debates, acompanhamento formativo, elaboração de projetos e evento científico) e suas contribuições para a formação docente; e (iii) sistematizar aprendizados e desafios observados na execução (especialmente no acompanhamento discente e na dinâmica de organização do evento), apontando implicações para futuras edições e para ações de formação docente voltadas à cultura digital.

METODOLOGIA

A metodologia do Projeto de Ensino foi organizada em quatro etapas articuladas — planejamento, estudos e debates, desenvolvimento de produções acadêmicas com mediação digital e socialização científica — buscando assegurar, de forma progressiva, o letramento digital de futuros(as) professores(as) de História, com integração contínua entre momentos teóricos e práticos e com acompanhamento docente e das bolsistas do projeto de ensino. O planejamento ocorreu entre maio e julho de 2025, período em que foram realizadas reuniões de organização, definição de objetivos, seleção/adequação de materiais e desenho das estratégias de acompanhamento e avaliação, de modo coerente com a necessidade de compreender as tecnologias como linguagem e mediação pedagógica (Kenski, 2012; Belloni, 2005; Behrens, 2006).

Na execução, as atividades foram conduzidas de maneira participativa, colaborativa e interdisciplinar, integrando leituras orientadas, trabalho em grupo e debates mediados, com encontros presenciais regulares e uso de metodologias ativas. O eixo de estudos partiu de autores trabalhados na disciplina, abordando fundamentos das mídias digitais e cultura digital (Martino, 2015; Lemos, 2020) e, na sequência, foram realizadas rodas de debate orientadas por questões-problema, tais como: *quais limites e possibilidades das tecnologias na educação para além do “uso técnico”?* (Conte; Martini, 2015; Da Silva; ALENCAR, 2021); *em que condições a escola deve permitir/restringir o uso de tecnologias e redes sociais no cotidiano escolar?* (Rosado; Tomé, 2015; Zuin; Zuin, 2018); *o historiador-professor pode prescindir das TDICs ou elas se tornaram competências estruturantes da docência e da pesquisa?* (DE Almeida, 2011; Prado, 2021); e *qual é o lugar da inteligência artificial (IA) na educação, especialmente em termos de autoria, avaliação, equidade e integridade acadêmica?* (Lima; Ferreira; Carvalho, 2024; Sobreira, 2025).

Na etapa de desenvolvimento de produções, os estudantes elaboraram ensaios e, posteriormente, propostas de projetos mediados por recursos digitais, com orientação sistemática, devolutivas formativas e preparação para apresentação pública. Em paralelo, foi estruturada a culminância do projeto, a II Jornada de Educação, Mídias e Tecnologias Digitais, organizada por comissões de trabalho, envolvendo: Coordenação Geral, Comissão Científica, Comissão de Infraestrutura, Comissão de Divulgação, Secretaria e Comissão de Cerimonial, com responsabilidades distribuídas entre bolsistas, voluntários(as) e lideranças discentes (por exemplo: articulação com convidadas e critérios de avaliação; logística e formulários de inscrição/presença; identidade visual, cartazes e publicações; documentação, certificação e organização de arquivos; condução protocolar das mesas).

Por fim, a etapa de avaliação foi implementada em dois níveis: (a) avaliação formativa das produções e apresentações, com instrumentos padronizados (formulários/fichas) utilizados por docente, debatedoras e avaliadores discentes durante a Jornada; e (b) avaliação do próprio projeto pelos estudantes, por meio de formulário eletrônico (com questões majoritariamente objetivas, em escala de 1 a 5), divulgado para a turma — em canal já utilizado para comunicação e orientação (grupo de WhatsApp). Nesta etapa, foram obtidas 23 respostas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E/OU DISCUSSÕES

Os resultados alcançados com o projeto de ensino evidenciam que a proposta conseguiu produzir, de modo articulado, formação teórica, experimentação metodológica, produção acadêmica discente e divulgação acadêmica. No percurso formativo, os debates e as leituras favoreceram a construção de um repertório que ajudou os licenciandos a situar as TDICs como mediações sociotécnicas do mundo contemporâneo (Martino, 2015; Lemos, 2020; Castells, 1999) e a problematizar, no campo educacional, tensões recorrentes entre instrumentalização tecnológica e formação crítica (Conte; Martini, 2015; Zuin; Zuin, 2018; Rosado; Tomé, 2015).

As temáticas trabalhadas nos debates e leituras — “educação com ou sem tecnologia”, “escola com ou sem tecnologia”, “história com ou sem tecnologia” e “IA na educação” — funcionaram como matriz de problematização para os ensaios, que, em termos de posicionamento, tenderam a oscilar entre: (a) defesa do uso crítico e orientado das TDICs, com ênfase em letramento digital, mediação docente e responsabilidade pública; e (b) preocupações com dispersão, controle, desigualdades de acesso e riscos éticos, especialmente quando o debate se aproximou do uso de celular e redes sociais no cotidiano escolar (Zuin; Zuin, 2018; Rosado; Tomé, 2015). Um indício relevante desse posicionamento aparece no diário de bordo da disciplina, ao registrar que a turma, ao discutir um episódio de difamação em rede, mobilizou argumentos sobre ética, escolarização, responsabilização e LGPD, além de recorrer a referenciais (como Foucault, 1975) para qualificar a reflexão.

Do ponto de vista da produção acadêmica foram elaborados 26 ensaios, em geral, orientados por um mesmo eixo problematizador: como conciliar a presença (ou a restrição) do *smartphone* e das TDICs na escola com práticas pedagógicas inovadoras no ensino de História. Observou-se forte convergência temática em torno de políticas de banimento/regulação do celular, cultura digital e mediação docente, com desdobramentos em propostas didáticas (laboratórios digitais, narrativas multimodais, oficinas, podcasts, jogos e plataformas institucionais). Em termos de qualidade acadêmica, a turma demonstrou bom domínio do “estado da arte” e evolução na capacidade de estruturar textos com tese, revisão e encaminhamento metodológico; entretanto, persistiram fragilidades recorrentes de formatação, padronização de referências e, em alguns casos, escrita normativa.

Tabela 1 - Frequência de temas mais abordados nos ensaios. **Fonte:** Projeto de Ensino.

Temas mais abordados nos ensaios	Frequência (n)
----------------------------------	----------------

Proibição/regulação do smartphone e mediação docente no ensino de História	18
Propostas metodológicas com TDICs (plataformas, acervos, QR Code, linhas do tempo, mapas)	14
Narrativas digitais e produção multimídia (podcast, vídeo, HQ, exposição virtual)	7
Inteligência Artificial na educação e ética/validação	6
Gamificação e engajamento (quizzes, missões, jogos)	3
Atenção/“brain rot” e cultura algorítmica	1
Total	26

Quanto ao uso de IA, o panorama foi heterogêneo: uma minoria apresentou registros mais robustos (prompts, checagens e revisões humanas), mas a maioria não anexou memorial descritivo completo, o que limitou a aferição de alfabetização algorítmica e impactou a nota por critério. Também se verificou uso desigual das referências previstas no plano de curso: parte dos ensaios mobilizou autores estruturantes (cibercultura, mídia-educação, ensino de História), enquanto outros se apoiaram excessivamente em notícias e fontes não acadêmicas.

No conjunto, o nível de aprendizagem pode ser caracterizado como satisfatório a bom: os estudantes demonstraram apropriação das categorias centrais (cultura digital, TDICs, intencionalidade pedagógica, letramento digital), além de capacidade crescente de converter debate em proposta de intervenção.

No eixo dos projetos apresentados, os resultados indicam avanço na capacidade discente de transformar discussão teórica em desenho metodológico, com iniciativas que dialogam diretamente com problemas da educação escolar e com desafios contemporâneos do ensino de História. A Jornada (como culminância) favoreceu a aprendizagem por performance pública (exposição, mediação, debate e avaliação formativa), ampliando competências de oralidade, síntese e defesa argumentativa, além de produzir um ambiente em que a avaliação deixou de ser apenas “nota” e passou a ser “evento acadêmico”. A organização coletiva — com comissões e papéis distribuídos (por exemplo, comissão científica/organização, comunicação, cerimonial e infraestrutura, conforme registros do diário de bordo e do relatório) — também operou como dispositivo de formação para gestão e cultura acadêmica, aproximando os estudantes da lógica real de eventos e bancas.

Tabela 2 - Síntese das propostas apresentadas. **Fonte:** Projeto de Ensino

Projeto	Ideia central	Inovação pedagógica
Integração regional via tecnologia	TDICs como ponte entre desigualdades regionais e integração educacional	Ensino colaborativo intercampi e aula mediada por plataforma
“Lugar de Fala Digital”	Visibilizar sujeitos historicamente marginalizados no ensino de História	Produção de repositório/site colaborativo com foco inclusivo
“O papel das IAs na formação de novos historiadores”	Letramento em IA para pesquisa histórica e docência	Formação crítica em IA, prompting e dilemas de autoria

“Gamificação como estratégia...”	Engajamento e redução do uso inadequado do celular	Missões, dinâmicas e feedback formativo para motivação
----------------------------------	--	--

Em termos de inovação, os projetos não se limitaram a “usar tecnologia”, mas procuraram responder a problemas concretos: desigualdade e integração, silenciamento e representação, formação profissional diante de IA, e engajamento/uso do celular. Isso demonstra que a disciplina conseguiu deslocar o debate de TDICs como “recurso” para TDICs como problema social e pedagógico, articulando dimensões de currículo, política, ética e metodologia (Silva; Alencar, 2021; Prado, 2021). Como limite, o próprio relatório do evento registra desafios operacionais (atrasos por ajuste técnico, problemas com slides e organização de arquivos), esperados em uma primeira experiência formativa de evento, mas apontam para a necessidade de protocolos mais rígidos de submissão, checagem técnica e comunicação prévia, sobretudo se a proposta pretende ampliar o público externo.

No que se refere ao formulário de avaliação do projeto, os dados mostraram que 23 participantes atenderam à solicitação de preenchimento do documento. Uma análise geral dos dados indica os seguintes resultados e discussão: (1) avaliação muito positiva para “condições de participação”, “qualidade dos debates/orientações” e “acolhimento/postura da equipe”, sugerindo que o ambiente formativo foi percebido como respeitoso e academicamente relevante; (2) avaliação comparativamente mais baixa para “comunicação”, “orientação para escrita acadêmica/divulgação científica” e “clareza de objetivos/orientações do projeto”, o que converge com críticas qualitativas encontradas nas respostas abertas (pedido de mais aulas teóricas, prazos mais realistas para entrega de trabalhos e maior clareza nos encaminhamentos). Além disso, na pergunta “Você mudaria alguma coisa na didática?” (n=26), predominam “Talvez” (10) e “Sim” (9), indicando abertura significativa a ajustes metodológicos; ao mesmo tempo, a pergunta sobre a importância da disciplina (n=26) mostra forte concentração em “Extremamente importante” (19), sugerindo que críticas não se dirigem à pertinência da proposta, mas à calibragem do formato e do acompanhamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Projeto de Ensino “Educação, Mídias e Tecnologias Digitais: Práticas Inovadoras para o Ensino de História na Cultura Digital” reafirma a relevância de iniciativas formativas que tratam as TDICs não apenas como ferramentas, mas como dimensões estruturantes da prática docente na contemporaneidade. Ao integrar práticas acadêmicas e desafios concretos do cotidiano escolar — como o uso de celulares, redes sociais, curadoria de fontes e inteligência artificial — o projeto contribuiu para ampliar o repertório crítico dos licenciandos e fortalecer competências essenciais à docência contemporânea, em que ensinar pressupõe também interpretar linguagens midiáticas, avaliar informações e produzir conhecimento em ambientes digitais.

Os resultados reforçam, igualmente, a urgência de políticas públicas e diretrizes institucionais voltadas ao letramento digital e à regulamentação ética do uso de tecnologias e IA na educação. A ausência de orientações claras sobre integridade acadêmica, autoria e transparência metodológica tende a deslocar para iniciativas locais a responsabilidade por normatizar práticas que já atravessam a escrita e a avaliação na graduação. Assim, recomenda-se que sistemas educacionais e instituições construam protocolos formativos, critérios de uso e estratégias de acompanhamento que protejam estudantes e docentes e promovam uma cultura de responsabilidade.

Por fim, a estrutura metodológica do projeto — planejamento, debates, produção e socialização científica — mostra-se replicável em outras áreas do conhecimento, desde que adaptada aos conteúdos específicos, mantendo o foco na integração entre teoria e prática, na avaliação formativa e na divulgação científica como dimensão constitutiva da formação docente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Revista Aedos*, v. 3, n. 8, 2011.
- BELLONI, M. L. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- BEHRENS, M. A. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Campinas: Papirus, 2006.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CONTE, E.; MARTINI, R. M. F. As tecnologias na educação: uma questão somente técnica? *Educação & Realidade*, v. 40, n. 4, p. 1191–1207, out. 2015.
- KENSKI, V. M. *Tecnologia e ensino presencial e a distância*. Campinas: Papirus, 2012.
- LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- LIMA, Giselle de Moraes; FERREIRA, Giselle Martins dos Santos; CARVALHO, Jaciara de Sá. Automação na educação: caminhos da discussão sobre a inteligência artificial. *Educação e Pesquisa*, v. 50, p. e273857, 2024.
- MARTINO, L. M. S. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021.
- ROSADO, L.; TOMÉ, V. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 96, n. 242, p. 11-25, jan./abr. 2015.
- SILVA, J. P. L.; ALENCAR, B. R. de O. Entre as instituições de ensino e as tecnologias de informação e comunicação: “anomia digital” ou reconstrução do conhecimento? *Revista Eletrônica Interações Sociais*, v. 5, n. 1, p. 79-100, 2021.
- SOBREIRA, V. Um panorama da História da Inteligência Artificial e suas aplicações na pesquisa histórica. *Varia Historia*, v. 41, p. e25035, 2025.
- ZUIN, V. G.; ZUIN, A. Á. S. O celular na escola e o fim pedagógico. *Educação & Sociedade*, v. 39, n. 143, p. 419-435, 2018.